

ilhamaior

CÍRCULO DE AMIGOS DA ILHA DO PICO

- Pico é a única ilha a
aumentar número
de passageiros**

p.4
- Gruta das Torres
passa a dispor
de visitas curtas**

p.2
- Corpo em Movimento
conquista seis
pódios na Grécia**

p.5
- Casa da Montanha
volta funcionar
24 horas por dia**

p.4

Maria Madalena

Na fronteira do Pico, voltada ao Faial, onde o Canal respira em azul sem igual, ergue-se a festa, antiga e luminosa, de Santa Maria Madalena, fiel e gloriosa. Sobre as águas que unem ilhas e destinos, ecoam cantos, promessas e sinos; e o povo reúne-se em fé e alegria, celebrando a santa que viu nascer o Dia. Testemunha da Ressurreição, primeira a anunciar que a morte fora vencida e a vida a triunfar, guardou no coração a luz da madrugada e levou ao mundo a esperança renovada. Entre o mar e a montanha, entre a vinha e o vulcão, vive a sua memória no povo e na tradição; e em cada Verão que chega, com fervor e emoção, renova-se a sua presença em cada coração. Ó Maria Madalena, sentinela do Canal, entre o Pico altaneiro e o Faial companheiro, que a tua festa permaneça, geração após geração, como um farol de fé, de cultura e de união.



Festas da Madalena afirmam a identidade

p.3



ENTREVISTA A SANDRA MEDEIROS
MÉDICA DERMATOLOGISTA

“O sol faz parte da nossa vida. O problema nunca foi o sol; é a forma como nos expomos a ele.”

p. 6,7



CARLOS SILVA & FILHO Lda.

292 240 200
@carlossilvae filho

Agente Pico, Faial e São Jorge



ALUMÍNIOS e PVC

 **MiguelCosta** Grupo

Zona Industrial - Lote 3, 9950 - 321 Madalena T. +351 292 623 655 E. geralmc@grupomiguelcosta.pt





9950-336 Madalena
info@mporto.com
Tel.292 623 827

Software para as suas necessidades de

Retalho

Fabrico

Gestão | ERP | Faturação | POS

Comércio

Faturação

Restauração

Serviços



Nova Versão
2026.01
Em conformidade com o novo SDR Sistema de Depósito e Reembolso

Editorial

Ilha Maior 1988-2026



Luís Figueiredo

Como foi possível que uma proposta de jornal, que ao rebentar de algumas amarras, atingisse a maioridade plena, sempre em uma linha condutora de seriedade jornalística, sem subserviências políticas, sociais e económicas?

E falquejando as tábuas do jornal *Ilha Maior* vamos recolhendo aparas, que registam no tempo e seguram muito do viver insular picaroto para os inventários de uma memória futura.

É isto o jornal *Ilha Maior*. Aquele jornal que iniciou a sua publicação a 22 de julho de 1988 como mensário, avançando para publicação quinzenal a 15 de agosto de 1991, onde se manteve até 9 de maio de 1997, data a partir da qual passou a semanário.

Vasculhando entre as aparas dos falquejos arquivados e para interpretação destas palavras, saltei sobre o dicionário e o que encontrei? “Pesquisar, esquadrinhar” – nem que seja somente o que o jornal *Ilha Maior* já publicou, durante estes 38 anos de vivência.

Neste esquadrinhar, entre inúmeras notas de registo, em artigos de opinião, informações, interrogações e publicidade, encontramos uma nota cujo título se reporta a: Os idosos e a política.

Está-se nos inícios de 2003 e a problemática dos idosos fez página com a seguinte interrogação: “No concelho da Madalena, há uma política para os idosos, ou há um aproveitamento político dos idosos?” e continua “É muito importante o convívio de idosos, que se tem alargado por todo o concelho, mas jantares e ofertas, deve haver muito mais na vida de quem tanto já deu e ainda muito tem para dar. Menos política nos convívios, mais diversidade de realizações...” e, anotamos nós, necessariamente mais contacto social, porque se se passarem pelas habitações onde existem humanos mais idosos, o que se encontra? – O muito que falta fazer na área social.

Esta situação leva-nos a colocar aos leitores a seguinte questão: Que leitura tem sido feita dos conteúdos apresentados, pelo semanário e pela municipalidade local, governos regionais e nacionais, durante todos estes anos de atuação e animação política? Como se considera a intervenção dos conteúdos apresentados?

Sem que se queira olhar para trás, são muitos anos passados e os problemas sociais e económicos do concelho e da ilha mantêm-se, não se vislumbrando um caminho que esteja para além do antigo pavimento em bagaço vermelho, com boeiros e patagarrros para que as sujas águas pluviais não venham conspurcar o centro das ideias.

E saltando pelas folhas do *Ilha Maior*, respigamos um parágrafo em que a observação social se mantém: “Os picarotos gostavam de ter um Governo que lhes oferecesse mais médicos, enfermeiros e técnicos de saúde, mais empregos para os nossos jovens, particularmente os nossos licenciados que querem regressar à sua ilha”, e continuando pelas dispersas folhas, encontramos a seguinte nota: “Mas quem criticar o Governo é classificado, pelos bajuladores de César, quais iscariotes, de irresponsáveis e de só dizer disparates.”

Enfim, esperamos é que os críticos oriundos de todas as empresas privadas ditas ‘organizações e partidos políticos’ que se banqueteiaram dentro do saco das benesses públicas, se recordem do que disseram e do que vão dizendo, enquanto funcionários assíduos e contínuos nas listagens da função pública.

E continuando, no falquejar das folhas do jornal *Ilha Maior*, lá vislumbramos pormenores de outras coisas que nos deixam interrogativos quanto ao gostar das coisas que se gosta, como “Sentir o espreitar do sol que se deixou ficar no aconchego da nuvem sem vontade de acordar.”

E é nestes aconchegos de ‘Ler jornais é saber mais...’, que surge o anúncio pergunta: Desapareceu de sua residência habitual, na biblioteca da ECCN, o livro intitulado *Vinhos e Manjares da Ilha do Pico*. Tem 225 páginas, é bilingue, tem capa dura de cor branca e lombada negra com letras brancas e douradas. Agradecemos a quem conhecendo o seu paradeiro o ajude a reencontrar o caminho do lar.

Já apareceu? É que passados 18 anos, continua aconchegado em uma gaveta ou estante, ou envolto em lençol de ninfa circense, distante do seu lar. E é assim que se vai colocando no arquivo das recordações, com sentido para memória futura.

Desenvolvimento que sempre foi castrado, não por lógicas de algum divino judas, mas pela força de algumas vontades acéfalas, que se vão mantendo ao sabor da ondulação que transporta os sargaços e as algas nipónicas, que vão presenteando o viver constante destes insulares afastados das sedes dos distritos e das coesões políticas centralizadoras.

Existirá sempre uma interrogação nas vivências de constante perturbação, por interesses sempre duvidosos. E para essa interrogação sempre estará o jornal *Ilha Maior*.

Parabéns *Ilha Maior* pelo teu trigésimo oitavo aniversário.

Aos que enchem estas páginas, de coisas e outras coisas, força pessoal, não esquecendo os amigos do Círculo de Amigos da ilha do Pico, os assinantes e leitores do jornal *Ilha Maior*, para os quais endereçamos o poema/canção do Zeca Afonso... traz um amigo também...

No sonho e na realidade

O poeta falava de uma *Ilha Maior* no sonho e na desgraça. Sabia que é nos momentos difíceis que se mede a grandeza de uma comunidade. O sonho, por si só, é promessa; a desgraça, quando chega, revela o carácter dos homens e das mulheres que habitam uma terra.

Hoje, passados 38 anos de existência deste jornal, ousamos continuar a acrescentar uma esperança à do poeta: *Ilha Maior* no sonho e na realidade queremos nós.

Porque nenhuma ilha cresce apenas da geografia. Cresce da memória que preserva, das palavras que escreve, das perguntas que não teme fazer e da capacidade de continuar a acreditar em si própria. Um jornal é precisamente isso: uma forma de impedir que a realidade seja apenas o instante fugaz. É o lugar onde o quotidiano se transforma em história.

Ao longo de quase quatro décadas, o *Ilha Maior* acompanhou alegrias e desencantos, inaugu-

rou debates, registou conquistas, deu voz a quem raramente a tinha e ajudou a construir uma consciência colectiva. Fez do Pico mais do que um território cercado pelo mar: fez dele um espaço de pensamento, de cidadania e de pertença.

Vivemos tempos em que a velocidade parece valer mais do que a verdade, em que o ruído frequentemente se sobrepõe ao argumento e em que as redes sociais confundem popularidade com credibilidade. Nestas circunstâncias, um jornal local torna-se ainda mais necessário. Porque conhece os nomes, as ruas, as famílias, as histórias. Porque sabe que uma notícia nunca é apenas uma notícia: é um pedaço da vida de uma comunidade.

Querer uma Ilha Maior na realidade significa desejar uma ilha com mais oportunidades para os jovens, mais respeito pelos mais velhos, mais cultura, mais pensamento crítico, mais participação

cívica e mais confiança nas suas capacidades. Significa acreditar que o futuro não é uma fatalidade, mas uma construção diária.

Os jornais não mudam o mundo sozinhos. Mas ajudam as pessoas a compreendê-lo e, compreendendo-o, a transformá-lo. Essa é talvez a sua missão mais nobre.

Neste 38.º aniversário, celebramos não apenas a longevidade de um semanário. Celebramos a persistência de uma ideia: a de que vale sempre a pena contar a vida de uma ilha com rigor, independência e amor à terra.

Que o *Ilha Maior* continue a ser o espelho crítico da nossa comunidade, a memória do presente e a consciência do futuro. Porque o poeta destacou uma Ilha Maior no sonho e na desgraça.

E nós continuamos a acreditar que o maior dos sonhos é conseguir fazer da nossa terra uma Ilha Maior no sonho e na realidade.

Manuel Tomás

Gruta das Torres passa a disponibilizar visitas curtas



A secretaria regional do Ambiente e Ação Climática (SRAAC) introduziu uma nova modalidade de visita à Gruta das Torres, passando a disponibilizar, além do percurso tradicional, visitas curtas ao interior da maior gruta lávica de Portugal.

A novidade surge na sequência da reabertura da cavidade vulcânica, no passado dia 19, após dois

anos de encerramento motivado por questões de segurança relacionadas com a instabilidade do arco de pedra situado sobre a escadaria de acesso.

A criação desta nova modalidade pretende diversificar a oferta de visitação, permitindo alargar o acesso ao património geológico e melhorar a gestão dos fluxos de visitantes, reduzindo

simultaneamente a necessidade de recursos humanos, materiais e operacionais.

A reabertura da Gruta das Torres contempla uma visita longa, que percorre toda a área atualmente visitável, e quatro visitas curtas, limitadas ao percurso do passadoio: “Definiu-se, com a reabertura, uma visita longa que permite percorrer toda a zona visitável da gruta e quatro visitas curtas, que vão ao interior do passadoio, procurando responder à redução do tempo no interior e à procura dos visitantes que, na sua maioria, querem entrar, mas não têm interesse em permanecer tanto tempo.

As visitas curtas terão um custo correspondente a metade do valor da visita regular, uma medida que pretende tornar o acesso ao monumento natural mais flexível e adaptado aos diferentes perfis de público.

Cais Agosto traz Delfins, Dillaz e Vítor Kley a São Roque

Delfins, Dillaz e Vítor Kley são alguns dos destaques da edição de 2026 do Festival Cais Agosto, que decorrerá entre 29 de julho e 2 de agosto, em São Roque.

Organizado pela Câmara de São Roque, em parceria com a Associação Cultural, a iniciativa volta a afirmar-se como o maior festival de verão do concelho, apostando numa programação diversificada, dirigida a diferentes públicos e gerações, conciliando artistas de renome nacional e internacional com a valorização dos músicos e grupos locais.

A programação arranca na quarta-feira, 29 de julho, com atuações de DJ Luci e Overule. Na quinta-feira, sobem ao palco Arkê, Dillaz e Diego Miranda, numa noite que contará ainda com a participação do DJ Gil.

Na sexta-feira, o festival recebe Virá Lomba e os Delfins, enquanto a animação prossegue com os DJs R-Rewind e Dans. O sábado reserva um dos momentos mais aguardados da edição, com os concertos de The Super Mars e do cantor brasileiro Vítor Kley, complementados pelas

atuações dos DJs Kevu e APHX.

O encerramento está marcado para domingo, com um concerto da Orquestra Ligeira de São Roque, seguido da atuação do DJ Rui Z.

Além da componente musical, o Festival Cais Agosto continuará a apostar numa programação paralela dedicada à cultura e às tradições locais. O evento incluirá a participação de grupos da ilha, animação de rua, atividades tradicionais e outras iniciativas que procuram reforçar a identidade cultural do concelho e dinamizar o turismo durante a época alta.

Sinfonia Atlântis abriu com solenidade as Festas da Madalena



Com uma entrada triunfal, uma conhecida marcha inglesa, as Festas do concelho da Madalena e de Santa Maria Madalena arrancaram oficialmente no passado dia 17 de julho com o espectáculo inaugural da *Sinfonia Atlântis*, um concerto que reuniu em palco cerca de uma centena de artistas e deu o mote à edição deste ano, subordinada ao tema ‘Une, Roda, Celebra’.

Sob a direção do maestro Nuno Pereira, o público, em grande número, junto ao palco do Porto Velho, foi conduzido por uma viagem musical que percorreu diferentes épocas, estilos e sensibilidades, desde a música litúrgica à música clássica, da ópera à pop, sem esquecer alguns dos mais emblemáticos temas da sétima arte. Um espectáculo que celebrou, através da música, a memória coletiva, a cultura e a identidade do povo picaroto e açoriano.

Um dos momentos mais aguardados da noite foi a estreia do Coro do Centro de Formação Artística da Madalena, lia-se num comunicado municipal, que se apresentou pela primeira vez perante o público, enriquecendo um programa marcado pela di-

versidade de sonoridades e pela participação de músicos, coralistas e intérpretes de várias gerações. Como no ano passado, a atuação do coro representou um momento sublime do espectáculo, sem desprimor para os restantes intervenientes.

Entre o programado e o concretizado, veio a chuva, mas ficou a promessa de haver repetição integral do concerto.

Ao longo dos últimos anos, sob a superior direcção artística do maestro Nuno Pereira, o concerto inaugural das Festas da Madalena tem assumido um papel relevante e apelativo, tendo em conta a qualidade do repertório e dos intervenientes, muitos deles formados no Centro de Formação Artística da Madalena e nas filarmónicas locais. É já uma referência maior de uma festa concelhia, que não esquece a sua origem na celebração da padroeira, Santa Maria Madalena.

Mais do que um concerto de abertura, a *Sinfonia Atlântis* afirmou-se como um símbolo da ligação entre tradição e a contemporaneidade, dando o tom para vários dias de convívio, música, cultura e afirmação da identidade madalenense.

Com este espectáculo teve início o maior festival de verão do concelho que decorreu entre os dias 17 e 22 de julho, oferecendo um programa diversificado capaz de conciliar grandes nomes da música nacional com a promoção da cultura local.

Além dos concertos principais e das atuações de vários DJs, as Festas da Madalena voltaram a apostar nas tradições que distinguem o concelho. O Palco Chamarrita voltou a dar destaque à música tradicional açoriana, enquanto a iniciativa ‘À Prova’, promovida no âmbito do Roteiro das Adeegas do Pico, se estreou com provas comentadas de vinhos e licores da ilha, proporcionando aos visitantes uma experiência de descoberta dos sabores do território.

Concertos das filarmónicas

O programa integrou, como sempre acontece, as muito esperadas atuações das filarmónicas e grupos folclóricos locais, marchas populares, provas desportivas e inúmeras atividades culturais e recreativas destinadas a públicos de todas as idades, reforçando o espírito de união e celebração que inspira esta edi-

ção das festas. Um dos momentos mais altos da festa continua a ser o dos concertos das filarmónicas do concelho. Assistimos aos verdadeiramente interessantes concertos da Lira Madalense e da Lira de São Mateus. Porque tivemos de fechar a edição na tarde de de 21 não foi possível ter assistido ao concerto da União e Progresso Madalense. Foram dois concertos fantásticos, com elevado nível de execução suportado por um repertório que agradou amplamente à grande assistência que enchia o espaço junto ao Palco do Porto velho. Era unânime, entre o público, que estes concertos, porque também havia vozes bem temperadas, merecem os maiores encómios e são realizados com a prata da casa que merece ser divulgada, aplaudida e acarinhada, quando se comparam os *cachets* pagos a artistas de fora e ao resultado obtido. Até falavam que estas festas deviam apostar mais no que é da terra, por ser uma ocasião especial para divulgar o nosso património cultural.

Aqui também se insere a bela e oportuna actuação da Tuna Ilha Negra, sob a direcção de Laurindo Cardoso.

Merecem notas de destaque o

facto de ter havido uma homenagem ao grande cantor picaroto e açoriano, José Ferreira, com a especial participação dos seus filhos Marta e Bernardo. Igualmente merece uma nota especial, também executado pela Lira de São Mateus, o facto de ter havido a participação de uma cantora cabo-verdiana na apresentação de uma música daquele país, demonstrando assim a integração da comunidade imigrante.

A Lira Madalense, dirigida pelo maestro Nuno Pereira e a Lira de São Mateus, dirigida pela maestrina Ana Terra, merecem a maior consideração pelo oportuno e excelentemente executado repertório que o público não se cansou de aplaudir e até o fogo de artifício, no final de cada concerto também ajudou à apoteose merecida.

Por outro lado, o programa religioso desenvolveu-se nos moldes habituais, desta vez com a participação do anterior pároco, o padre Marco Martinho, apresentando a Matriz de Santa Maria Madalena um ar festivo digno de nota. Não podemos dar qualquer nota relativa à procissão, porque só aconteceu depois do fecho desta edição.

Catarina Manito destaca investimento na economia e na afirmação da identidade

A presidente da Câmara da Madalena, Catarina Manito, reconheceu no passado dia 17 a importância do investimento na promoção das festas concelhias para a dinamização económica das instituições e empresas.

Usando da palavra na abertura das Festas da Madalena, a autarca assumiu que o investimento realizado pelo Município tem um retorno muito superior ao seu custo, quer para a atividade económica, quer para a afirmação da comunidade, salientando que uma festa desta dimensão “exige investimento, recursos, planea-

mento e coragem para assumir responsabilidades”, sem ser, apenas, uma despesa pública.

“Aquilo que estas festas devolvem à Madalena é muito maior do que aquilo que custam”, adiantou, explicando que o evento gera um impacto direto no comércio, na restauração, no alojamento e nos produtores locais, ao mesmo tempo que aumenta a visibilidade do concelho e atrai milhares de visitantes reforçando a atratividade da Madalena como destino turístico e cultural: “As festas devolvem dinâmica à economia local, movimento ao comércio, à

restauração, ao alojamento e aos produtores. Dão visibilidade ao concelho, vida às ruas e orgulho às nossas gentes. E há coisas que não cabem numa folha de orçamento”.

Ao longo da intervenção, a autarca reforçou ainda o compromisso do Município com a cultura e com as instituições locais, defendendo que as autarquias têm igualmente a responsabilidade de preservar o património imaterial e apoiar quem mantém vivas as tradições. Nesse âmbito, destacou o investimento realizado nas filarmónicas, nos grupos

folclóricos e nas associações culturais, considerando que estas entidades são fundamentais para garantir a continuidade da identidade do concelho.

Na parte final do discurso, Catarina Manito deixou uma mensagem de confiança no futuro da Madalena, defendendo um concelho capaz de crescer economicamente sem perder as suas raízes.

Na cerimónia de abertura, o pároco da Madalena, padre Dinis Silveira, salientou por outro lado o significado religioso das festividades em honra de Santa Maria

Madalena, recordando que a história do concelho está profundamente ligada à sua padroeira.

O sacerdote afirmou que a história “não pode ser compreendida sem reconhecer o rico património espiritual que moldou gerações, inspirou famílias, educou consciências e construiu uma cultura marcada pela solidariedade, pelo trabalho, pela hospitalidade e pela esperança”, sublinhando que as Festas da Madalena constituem um momento privilegiado para celebrar a fé e reforçar a identidade coletiva das seis freguesias do concelho.

Pico contraria tendência, sendo a única ilha com mais passageiros

A ilha do Pico foi a única dos Açores a registar um aumento do movimento de passageiros aéreos em junho de 2026, contrariando a tendência de quebra verificada nas restantes ilhas do arquipélago.

De acordo com os dados divulgados pelo Serviço Regional de Estatística dos Açores (SREA), desembarcaram no Aeroporto do Pico 15.278 passageiros durante o mês de junho, o que representa um crescimento homólogo de 3,7 por cento.

Em sentido inverso, as restantes ilhas registaram diminuições nos passageiros desembarcados. As maiores quebras verificaram-se nas Flores (-10,7%) e em São Jorge (-10,1%), seguindo-se São Miguel (-8,0%), Terceira (-7,3%), Santa Maria (-6,5%), Corvo (-6,2%), Graciosa (-4,4%) e Faial (-3,5%).

Apesar do crescimento, o Pico continua a ocupar a quarta posição entre as ilhas com maior movimento de passageiros desembarcados, concentrando 6,3 por cento do total regional. São Miguel manteve a liderança destacada, com 138.270 passageiros, equivalente a 56,7 por cento do total, seguindo-se a Terceira, com



49.450 (20,3%), e o Faial com 17.887 passageiros (7,3%).

No conjunto da Região, os aeroportos açorianos receberam 243.803 passageiros desembarcados em junho, menos 18.182 do que no mesmo mês de 2025, traduzindo uma quebra homóloga de 6,9 por cento.

A evolução positiva do Pico assume ainda maior relevância

quando analisado o desempenho do segundo trimestre do ano. Entre abril e junho, a ilha voltou a distinguir-se como a única a escapar à tendência de retração do tráfego aéreo, registando uma ligeira subida de 0,3 por cento no número de passageiros desembarcados, com um total de 34.921. Em contrapartida, São Miguel sofreu a maior quebra trimes-

tral (-13,0%), seguida da Terceira (-10,0%), São Jorge (-8,4%), Flores (-7,3%), Graciosa (-4,3%), Santa Maria (-3,9%), Faial (-2,2%) e Corvo (-0,3%).

No acumulado do segundo trimestre, desembarcaram nos aeroportos dos Açores 609.195 passageiros, menos 10,4 por cento do que no mesmo período do ano passado.

Casa da Montanha volta funcionar 24 horas por dia

A Casa da Montanha já retomou o funcionamento normal de 24 horas por dias nos sete dias da semana.

A retoma foi assegurada na passada semana depois da contratação pela secretaria regional do Ambiente e Ação Climática de dois novos colaboradores.

Devido à falta de recursos humanos aquele espaço estava a funcionar entre as 8 e as 20 horas de segunda a quinta-feira e 24 horas por dia de sexta a domingo.

Em resposta ao requerimento do PAN/Açores, o Governo Regional lembra o funcionamento da Casa da Montanha foi devidamente planeado, tendo sido contratados seis colaboradores, na modalidade de prestação de serviços, mas três dos colaboradores acabaram por desistir, condicionando a capacidade operacional prevista para a época alta.

Além dos dois já contratados, o Governo pretende afetar um terceiro elemento ao espaço, esgotando assim as seis vagas previstas e incluir na proposta para 2027 um reforço dos recursos humanos a título definitivo.

Conservatória encerrada em São Roque

O atendimento presencial na Conservatória de São Roque está encerrado até 4 de setembro, na sequência de constrangimentos no funcionamento dos serviços.

Durante este período, os cidadãos poderão recorrer às conservatórias da Madalena e Lajes para a realização dos atos de registo, uma vez que estes não estão, na sua generalidade, sujeitos

à competência territorial.

Além das conservatórias, os serviços do Instituto dos Registos e do Notariado estão disponíveis nos seus canais digitais, bem como por meio do atendimento informativo acompanhado, também em formato online, permitindo aos utentes aceder a diversos procedimentos sem necessidade de deslocação.

PS/Pico critica corte no Eco-Freguesias

O secretariado do PS/Pico criticou o corte de 50 por cento na dotação do programa Eco-Freguesias, considerando que a medida evidencia as dificuldades financeiras do executivo e penaliza diretamente as juntas de freguesia.

Em comunicado, os socialistas afirmam que a redução da verba “não é um acidente de percurso nem uma opção técnica”, mas “o sinal mais concreto e mais próximo de um Governo que chegou ao limite e que está agora a passar a fatura a quem menos pode suportá-la: as juntas de freguesia.

O PS/Pico sustenta a sua posição com dados relativos às finanças públicas regionais, referindo que a dívida bruta da Região ultrapassou os 3.800 milhões de euros no final de 2025, mais 403 milhões de euros do que no ano anterior, enquanto o défice terá

ultrapassado os 299 milhões de euros. Os socialistas apontam ainda para o aumento da dívida comercial a fornecedores e para atrasos no pagamento de candidaturas aprovadas em diversos programas regionais há mais de um ano, envolvendo setores como a pesca, a agricultura e o tecido empresarial.

O partido considera que o argumento do “passivo socialista” deixou de ser justificável, defendendo que, após seis anos de governação da coligação PSD/CD-S-PP/PPM, se registou um aumento da dívida regional e a acumulação de atrasos nos pagamentos.

Perante este cenário, o secretariado socialista exige a reposição da dotação integral do programa Eco-Freguesias e o cumprimento dos compromissos assumidos com as autarquias locais.

120 quilos de resíduos recolhidos em São João

Cerca de 120 quilos de resíduos foram recolhidos durante a ação de limpeza da orla costeira da freguesia de São João, realizada no passado dia 17, numa iniciativa promovida pela Junta de Freguesia com o objetivo de sensibilizar para a preservação do litoral e a proteção dos ecossistemas marinhos.

A intervenção incidiu no troço costeiro entre a Baía da Arruda e o Porto de São João, abrangendo cerca de metade da costa da freguesia. Entre os resíduos recolhidos predominavam os plásticos, embora tenham sido também encontrados vidro, ferro, pneus, baterias e outros detritos.

Todos os materiais foram separados e encaminhados para o Centro de Processamento de Resíduos (CPR) para o respetivo tratamento.

Depois desta ação integrada no plano anual do ECO-Freguesia, a Junta de Freguesia pretende dar continuidade à iniciativa, abrangendo futuramente o percurso entre o Porto de São João e o Mistério da Silveira, junto ao Moinho da Ponta Rasa.

A presidente da Junta de Freguesia de São João, Cátia Goulart, sublinha que a proteção do património natural tem sido uma das prioridades do seu executivo desde o início do mandato para garantir a qualidade ambiental da freguesia: “Desde que tomámos posse, uma das nossas gran-



des preocupações sempre foi a questão ambiental. Temos feito um grande esforço para manter a nossa freguesia mais limpa e asseada, realizando semanalmente ações de recolha de resíduos, que são imediatamente encaminhados para o CPR”.

Segundo a autarca, o trabalho desenvolvido passa também por despertar a comunidade para a adoção de boas práticas ambientais, procurando “sensibilizar através dos nossos próprios atos, diariamente, e nos vários eventos que temos promovido, além das ações de sensibilização realizadas através dos nossos meios de comunicação”.

Cátia Goulart destaca ainda a

importância das entidades parceiras e dos voluntários envolvidos na iniciativa, assumindo que o compromisso ambiental terá continuidade: “Continuaremos empenhados em fazer mais e melhor pela freguesia de São João e apelamos a que toda a comunidade continue a adotar atitudes mais responsáveis e amigas do ambiente, evitando o abandono de resíduos na natureza e contribuindo para a preservação do nosso património natural, que tanto nos orgulha. Cada pequeno gesto conta. Juntos, podemos continuar a construir uma freguesia mais limpa, mais sustentável e ambientalmente responsável”.

Corpo em Movimento conquista seis pódios no europeu de dança

O grupo *Corpo em Movimento* voltou a destacar-se num palco internacional ao conquistar seis pódios no *All Dance Europe 2026*, realizado na Grécia.

A representação açoriana regressou da competição com dois primeiros lugares e quatro segundos, resultados que refletem o trabalho desenvolvido ao longo dos últimos meses e a evolução das bailarinas.

A comitiva foi composta por 11 bailarinas, duas professoras e apresentou seis coreografias, alcançando um prémio em cada uma delas. Inicialmente, o grupo tinha garantido sete apuramentos no *All Dance Portugal*, mas dois quartetos acabaram por não competir devido à desistência de uma das alunas, situação que, pelas regras da competição, impediu a sua participação. Ainda assim, um dos solos foi repescado após desistências de outras escolas, permitindo ao *Corpo em Movimento* manter uma forte presença na prova.

Entre os resultados alcançados destacam-se o primeiro lugar em Contemporary Jazz-Grupo Pequeno, com a coreografia *Amazing Grace*, e em Musical Theater-Solo, com *Somewhere Over The Rainbow*.

O grupo arrecadou ainda o segundo lugar em Contemporary Ballet-Dueto, com *Foi Assim*; Lyrical Jazz-Grupo Pequeno, com *Hearing Voices in My Mind*; Contemporary Jazz-Solo, com *Blin-*



dness; e Acro Dance-Dueto, com *The Clowns*.

Para as professoras Diva e Rebeca Silva, a experiência na Grécia foi muito mais do que uma competição, reconhecendo que “foi novamente acima do expectável e deu-nos a oportunidade de conhecer novas culturas e mais um país”.

Além da vertente competitiva, as bailarinas participaram em vários workshops orientados por reconhecidos profissionais internacionais, entre eles Julius Brewster, Sandra Correa, Dol-

lis Henry, Fufo Rosario, Carlos Duque, Denis Montejo e Drako, em modalidades como Ballet, Jazz, Commercial Dance, Musical Theater, Reggaeton e Urban Show.

“Sem dúvida foi novamente uma mais-valia ao nível das aprendizagens. Tivemos formação com professores de referência internacional e, a nível competitivo, apresentámos seis coreografias e conquistámos seis prémios”, sublinham as professoras.

Apesar dos excelentes resulta-

dos, Diva e Rebeca Silva admitem que existe sempre alguma incerteza quando se compete além-fronteiras, podendo surgir “uma nova crítica ou algo a melhorar, uma vez que somos avaliados por outros jurados”, sublinhando que os resultados obtidos espelham o trabalho realizado ao longo dos anos e o empenho das bailarinas: “São muitos meses e horas de trabalho com estas bailarinas. Desde o trabalho coreográfico, técnica, preparação física, treino de expressão artística e acima de tudo preparação mental. Tenta-

mos dar sempre o nosso melhor e levar as nossas alunas o mais longe possível, fazendo-as acreditar naquilo de que são capazes. Foram muitas horas de trabalho e correções que, no final, deram bons frutos”.

As professoras fazem questão de destacar a prestação das bailarinas mais jovens. Segundo explicam, duas participantes, de apenas oito e 10 anos, surpreenderam pela maturidade demonstrada em competição, revelando uma evolução significativa desde a participação no *All Dance Portugal*: “No final da participação, o sentimento é de missão cumprida. Sentimo-nos exaustas, mas com uma grande sensação de dever cumprido por levarmos mais longe estas bailarinas e, principalmente, a Região Autónoma dos Açores”.

Um dos maiores obstáculos continua, contudo, a ser o custo associado à participação em competições internacionais, nomeadamente os gastos com deslocações, alojamento, alimentação e inscrições. Para conseguir participar na competição foram necessários vários apoios. Diva e Rebeca Silva agradecem às empresas, instituições e autarquias do Pico e Faial que apoiaram a deslocação da comitiva.

Depois desta participação, o grupo já prepara os espetáculos da próxima época e, se possível, voltar a participar num campeonato do mundo.

AVALIAÇÃO FICOU CONCLUÍDA EM JUNHO

PS/Açores quer acesso ao relatório sobre ampliação da pista do Aeroporto do Pico

Os deputados socialistas Marta Matos e Mário Tomé exigiram esta semana a apresentação do relatório final elaborado pelo Grupo de Trabalho para a ampliação da pista do Aeroporto do Pico, defendendo que um processo com impacto estratégico para a ilha deve decorrer com transparência e escrutínio público.

Depois de ter ficado concluído em junho e de ter sido entregue ao Governo dos Açores, tal como noticiámos na nossa edição do passado dia 3, os socialistas quiseram agora a entrega da versão integral do relatório, incluindo todos os anexos técnicos, pareceres, estudos e restante documentação de suporte, bem como os pareceres emitidos sobre o estudo complementar e sobre o relatório elaborado pelo Grupo de Trabalho.

Num requerimento entregue no parlamento açoriano, Marta Matos e Mário Tomé consideram essencial conhecer as conclusões do documento, bem como toda a documentação técnica que supor-

ta a solução proposta, defendendo que o processo deve ser conduzido com total transparência e permitir o escrutínio parlamentar antes da tomada de qualquer decisão.

“Consideramos que, depois de vários anos de estudos financiados com recursos públicos e de sucessivos anúncios sobre este processo, é fundamental que o Parlamento possa conhecer integralmente os fundamentos técnicos que suportarão uma decisão com evidente impacto estratégico para a ilha do Pico”, frisa Marta Matos em nota de imprensa do PS.

Para a vice-presidente da bancada socialista, o Aeroporto do Pico assume um papel estratégico na mobilidade dos açorianos, na coesão territorial e no desenvolvimento económico da ilha, tendo vindo a ganhar crescente importância no transporte de passageiros e na afirmação do Pico enquanto destino turístico. Apesar disso, a parlametnar considera que persistem limitações opera-



cionais cuja resolução passa pela ampliação da pista.

No requerimento, os socialistas recordam que, ao longo dos últimos anos, foram realizados diversos estudos técnicos sobre esta matéria e que o estudo prévio confirmou a viabilidade do prolongamento da pista. Contudo, “apesar de o PS ter solicitado o acesso ao estudo prévio e ao es-

tudo complementar, esses documentos não foram disponibilizados, com o executivo a justificar que ainda se encontravam em fase de análise”.

Criado em fevereiro deste ano o Grupo teve como missão definir a melhor solução técnica, calendarizar o projeto e identificar fontes de financiamento para as obras de ampliação que pretendem me-

lhorar as condições operacionais, diminuir os cancelamentos, aumentar a capacidade comercial, de carga e passageiros, assim como o alcance das aeronaves com o peso máximo à decolagem.

A ampliação da pista em 750 metros permitirá a operacionalidade, sem restrições, de aeronaves como o Boeing 737-800 e os Airbus A320 e A321 Neo.

“O sol faz parte da nossa vida. O problema nun

Manuel Tomás
David Silva Borges

O verão é sinónimo de praia, caminhadas, trabalho ao ar livre e mais tempo ao sol. Mas é também a época do ano em que aumenta a exposição à radiação ultravioleta, um dos principais fatores de risco para o cancro da pele. Nesta entrevista, a médica dermatologista Sandra Medeiros explica os principais desafios na prevenção do cancro da pele, esclarece os mitos mais frequentes e deixa recomendações para trabalhadores expostos ao sol e todos aqueles que querem aproveitar o verão sem comprometer a saúde.

A médica sublinha ainda a importância do diagnóstico precoce e recorda que a prevenção começa nos pequenos hábitos do dia a dia.

Quais os principais desafios na prevenção do cancro da pele e de que forma a desinformação tem dificultado a promoção de comportamentos seguros?
Durante muitos anos, o principal desafio foi convencer as pessoas a protegerem-se da radiação ultravioleta. Hoje, esse desafio mantém-se, mas surgiu outro igualmente importante: a enorme quantidade de informação incorreta que circula diariamente nas redes sociais. Nunca foi tão fácil aceder a informação sobre saúde. O problema é que nem toda é credível. Todos os dias circulam conselhos, recomendações e mitos que podem induzir as pessoas em erro e comprometer a sua saúde. Continuamos a ouvir que o bronzeador é saudável, que as pessoas de pele morena não precisam de proteção solar ou que os protetores solares fazem mais mal do que bem. Nenhuma destas afirmações corresponde ao conhecimento científico atual. O sol não mudou. O que mudou foi aquilo que sabemos sobre ele. Foi precisamente esta a mensagem que a campanha *Euromelanoma 2026* pretendeu reforçar: quando falamos de prevenção do cancro da pele, distinguir factos de mitos pode fazer toda a diferença.

O verão traz naturalmente mais tempo ao ar livre. Quais os principais riscos para a pele da exposição solar prolongada?
O verão convida-nos naturalmente a passar mais tempo ao ar livre. Caminhar, praticar desporto, desfrutar da praia ou simplesmente estar em contacto com a natureza

ultravioleta provoca alterações cumulativas nas células da pele que podem manifestar-se apenas muitos anos mais tarde. O melanoma continua a ser o cancro da pele que mais preocupa os dermatologistas. Embora represente apenas uma pequena percentagem dos tumores cutâneos, é responsável pela maioria das mortes associadas a esta doença devido à sua capacidade de metastizar. A boa notícia é que, quando diagnosticado precocemente, apresenta elevadas taxas de cura. É precisamente por isso que insistimos tanto na prevenção. Proteger a pele não significa deixar de aproveitar o verão; significa aprender a desfrutá-lo em segurança.

Em ilhas como o Pico existem profissões que implicam muitas horas ao sol, como a agricultura, vitivinicultura, pesca, construção civil e turismo. Que cuidados específicos devem esses trabalhadores adotar para minimizar os riscos?
Quem trabalha diariamente ao ar livre deve olhar para a proteção solar da mesma forma que encara qualquer outro equipamento de segurança profissional. Tal como um capacete faz parte do equipamento de proteção de um trabalhador, também a roupa adequada, o chapéu de abas largas, os óculos com proteção ultravioleta e o protetor solar devem ser encarados como medidas essenciais de prevenção. Sempre que possível, o trabalho deve ser organizado de forma a reduzir a exposição durante as horas de maior intensidade da radiação solar e privilegiar pausas em locais com sombra. Quanto ao protetor solar, deve oferecer proteção de largo espectro contra os raios UVA e UVB, ter um Fator de Proteção Solar (FPS) igual ou superior a 30, idealmente FPS 50 nas exposições prolongadas, e ser reaplicado regularmente, sobretudo após transpiração intensa ou contacto com água. Costumo dizer aos meus doentes que o melhor protetor solar não é necessariamente o mais caro; é aquele que é utilizado corretamente e de forma consistente.

Qual o erro mais comum nas pessoas que trabalham diariamente ao ar livre?
O maior erro é pensar que o risco existe apenas nos dias de praia. Na realidade, a pele tem memória. O dano provocado pela radiação UV acumula-se silenciosamente ao longo da vida. A exposição de



adapta-se ao calor, mas a pele continua a acumular dano provocado pela radiação UV. Outro erro

tendido como parte de uma estratégia mais abrangente. A melhor proteção não depende de uma úni-

necessário em dias nublados?
O céu pode enganar; a radiação ultravioleta não. Muitas pessoas

“O maior erro é pensar que o risco existe apenas nos dias de praia. Na realidade, a pele tem memória. O dano provocado pela radiação UV acumula-se silenciosamente ao longo da vida.”

também frequente é ignorar pequenas alterações cutâneas, como um sinal que mudou, uma ferida que não cicatriza ou uma lesão que sangra ocasionalmente. Muitas vezes, são precisamente estas alterações que justificam uma avaliação dermatológica.

O uso de chapéu e roupa adequada pode ser tão importante como o protetor?
Sem dúvida. Em muitos casos, pode mesmo oferecer uma proteção mais consistente. Ao contrário do protetor solar, cuja eficácia depende da quantidade aplicada e da reaplicação ao longo do dia, a roupa constitui uma barreira física permanente. Atualmente existem tecidos com Fator de Proteção Ultravioleta (UPF) elevado, capazes

ca medida, mas da combinação de várias estratégias simples, consistentes e adaptadas a cada pessoa.

Quais as principais características a ter em conta para decidir o protetor solar e com que frequência deve ser reaplicado?
A escolha do protetor solar deve ser adaptada à pessoa e ao contexto. Para quem trabalha diariamente ao ar livre, recomenda-se um protetor de largo espectro, com proteção contra os raios UVA e UVB e FPS igual ou superior a 30, sendo preferível 50 nas exposições prolongadas. Mas há uma mensagem que considero ainda mais importante: um excelente protetor solar mal utilizado protege menos do que um bom protetor aplicado corretamente. O protetor solar deve ser aplicado cerca de 20 a 30 minutos antes da exposição e reaplicado, em regra, de duas em duas horas ou sempre que exista transpiração intensa ou contacto com água. A quantidade aplicada também é importante. Aplicar menos produto do que o recomendado reduz significativamente a proteção obtida. Costumo comparar a fotoproteção à escovagem dos dentes. O benefício não resulta de um único dia, mas da repetição diária de um bom hábito.

O protetor solar continua a ser

associam o risco solar ao calor ou ao brilho intenso, mas a radiação ultravioleta continua a atingir a pele mesmo quando o céu está encoberto. Em particular, a radiação UVA atravessa facilmente as nuvens e mantém-se relativamente constante ao longo do dia. Os dias nublados levam muitas pessoas a permanecer mais tempo ao ar livre porque sentem menos calor. No entanto, a pele continua a acumular dano provocado pela radiação ultravioleta. Mais do que olhar pela janela, devemos habituar-nos a consultar diariamente o Índice UV. É esse indicador, e não o aspeto do céu, que nos ajuda a perceber quando devemos reforçar as medidas de proteção.

A radiação ultravioleta nos Açores apresenta características particulares que exijam cuidados acrescidos?
Sim. O clima dos Açores pode transmitir uma falsa sensação de segurança. Como as temperaturas são frequentemente amenas, muitas pessoas permanecem mais tempo ao ar livre sem sentirem calor intenso. No entanto, a ausência de calor não significa ausência de radiação UV. A proximidade do mar aumenta a reflexão da radiação e muitas atividades favorecem exposições prolongadas ao ar livre. O Índice UV, divulgado diariamente pelo Instituto Português do Mar

“Quem trabalha diariamente ao ar livre deve olhar para a proteção solar da mesma forma que encara qualquer outro equipamento de segurança profissional.”

fazem parte de um estilo de vida saudável. O problema nunca foi o sol; é a forma como nos expomos a ele. Quando a exposição é prolongada e ocorre nas horas de maior intensidade da radiação ultravioleta, aumenta significativamente o risco de queimaduras solares, envelhecimento precoce da pele e cancro cutâneo. A radiação

hoje pode só revelar as suas consequências décadas mais tarde. Há ainda uma falsa sensação de segurança em muitas pessoas que trabalham diariamente ao ar livre. Como estão habituadas ao sol e raramente sofrem queimaduras graves, acreditam que a pele “já criou resistência”. Infelizmente, isso não acontece. O organismo

de bloquear mais de 98 por cento da radiação UV. O chapéu protege áreas particularmente vulneráveis, como o couro cabeludo, as orelhas e parte do rosto, enquanto os óculos de sol ajudam a prevenir lesões oculares associadas à radiação ultravioleta. O protetor solar continua a ser indispensável nas áreas expostas, mas deve ser en-

ca foi o sol; é a forma como nos expomos a ele”



e da Atmosfera, é uma ferramenta muito útil. Valores iguais ou superiores a três já justificam medidas de proteção e valores de seis ou mais exigem cuidados reforçados. Costumo dizer que, nos Açores, devemos olhar menos para a temperatura e mais para o Índice UV.

Qual seria o principal conselho para quem pretende aproveitar o verão sem comprometer a saúde da pele?
Se tivesse de dar apenas um conselho, seria este: encontrar um equilíbrio. O verão deve ser vivido com prazer. Praia, caminhadas, desporto e atividades ao ar livre fazem parte de um estilo de vida saudável e não devem ser evitados. O objetivo nunca foi deixar de aproveitar o sol, mas aprender a desfrutá-lo em segurança. Isso passa por evitar as horas de maior intensidade da radiação ultravioleta (entre as 12 e as 16 horas), procurar sombra sempre que possível, utilizar roupa adequada, chapéu, óculos de sol e protetor solar e, sobretudo, criar hábitos que possam ser mantidos ao longo da vida. Proteger a pele é um hábito de saúde, não apenas um cuidado de verão. Porque o verdadeiro benefício da fotoproteção não se mede no final das férias; mede-se muitos anos mais tarde.

Para as crianças, que cuidados especiais devem os pais ter

durante as férias de verão?
Há um investimento que dura toda a vida: ensinar uma criança a proteger-se do sol. A infância é um período particularmente importante para a saúde futura da pele. A pele das crianças é mais sensível à radiação ultravioleta e os danos provocados nesta fase podem aumentar o risco de desenvolver cancro cutâneo mais tarde. Nos bebés, a exposição direta ao sol deve ser evitada. Nas restantes crianças, a proteção deve assentar sobretudo em medidas físicas: procurar sombra, usar roupa adequada, chapéu de abas largas, óculos de sol e protetor solar adaptado à idade nas áreas expostas. Mas talvez o mais importante seja o exemplo. As crianças aprendem muito mais com aquilo que veem do que com aquilo que lhes dizemos. Pais que usam chapéu, procuram sombra e aplicam protetor solar estão, sem se aperceberem, a ensinar hábitos que poderão acompanhar os filhos durante toda a vida.

E no caso dos idosos, existem riscos acrescidos associados à exposição solar?
Nunca é tarde para começar a proteger a pele. E essa é uma excelente notícia! É verdade que muitos dos danos provocados pela radiação ultravioleta resultam da exposição acumulada ao longo de décadas. É precisamente por isso que grande parte dos cancros cutâneos surge em idades mais avançadas. Além disso, a pele envelhecida torna-se mais fina, mais frágil e recupera menos facilmente das agressões provocadas pelo sol. Muitos idosos tomam também medicamentos que aumentam a sensibilidade à radiação ultravioleta, reforçando ainda mais a importância da prevenção. Apesar disso, há uma mensagem muito positiva: proteger a pele continua a trazer benefícios em qualquer idade.

Duas ou três simples exposições solares nas horas erradas são piores para a pele do que 20 ou 30 idas à praia nas horas certas?
Mais importante do que o tempo de exposição é a forma como nos expomos ao sol. Duas ou três exposições intensas, sobretudo se provocarem queimaduras solares, podem ser mais prejudiciais do que muitas idas à praia realizadas em horários mais seguros e com proteção adequada. Sabemos hoje que não é apenas a quantidade de sol que importa. A quantidade da radiação ultravioleta e a ocorrência de queimaduras solares desempenham um papel determinante no risco futuro de melanoma. É por isso que insistimos tanto em evitar a exposição durante as horas de maior intensidade da radiação ultravioleta. O objetivo não é deixar

de aproveitar a praia, mas escolher melhor o momento e proteger adequadamente a pele.

Com que frequência devemos vigiar os sinais e manchas da pele?
Não é necessário observar diariamente cada sinal. O mais importante é criar o hábito de olhar regularmente para a pele, idealmente a cada dois ou três meses, de forma a reconhecer alterações que justifiquem uma avaliação médica. A regra ABCDE continua a ser um excelente guia: Assimetria, Bordos irregulares, Cor variável, Diâmetro e Evolução. No entanto, gosto sempre de acrescentar uma ideia: a evolução é, muitas vezes, o critério mais importante. Existe também o conceito do “patinho feio”. Uma lesão claramente diferente das restantes merece atenção, mesmo que não cumpra todos os critérios da regra ABCDE. Conhecer a própria pele pode salvar vidas. Mais importante do que decorar regras é aprender a reconhecer aquilo que mudou.

Quais são os sinais de alerta que justificam uma consulta de dermatologia?
Se um sinal mudou, merece ser observado. Qualquer alteração recente da pele deve ser valorizada: uma nova lesão, uma mancha que aumenta de tamanho, muda de cor ou de forma, uma ferida que não cicatriza ao fim de algumas semanas ou uma lesão que sangra repetidamente, forma crosta persistente, provoca prurido ou dor. No caso do melanoma, o sinal de alarme mais impor-

cro cutâneo. Há várias razões que explicam esta realidade. Vivemos mais anos, acumulamos mais exposição solar ao longo da vida, valorizamos cada vez mais as atividades ao ar livre e, felizmente, também diagnosticamos muito mais lesões numa fase precoce do que acontecia há algumas décadas. É importante recordar que o cancro da pele é o tumor maligno mais frequente no ser humano, sobretudo o carcinoma basocelular e o carcinoma espinocelular. No entanto, há também uma boa notícia: quando diagnosticado precocemente, a grande maioria dos cancros da pele pode ser tratada com sucesso. Quanto mais cedo identificarmos uma lesão suspeita, mais simples e eficaz tende a ser o tratamento.

O melanoma, sendo o tumor mais agressivo da pele, pode constituir um risco maior em certas profissões?
Mais do que a profissão em si, o risco depende da forma como cada pessoa esteve exposta ao sol ao longo da vida. Profissões exercidas ao ar livre aumentam naturalmente a exposição cumulativa à radiação ultravioleta. No entanto, no caso do melanoma, também são particularmente importantes as exposições intensas e intermitentes, sobretudo quando provocam queimaduras solares. Existem ainda fatores individuais que aumentam o risco, como pele clara, olhos claros, numerosas efélides, elevado número de nevus, nevus clinicamente atípicos, nevus congénitos de grandes dimensões ou antecedentes pessoais e familiares

“Não é necessário observar diariamente cada sinal. O mais importante é criar o hábito de olhar regularmente para a pele, idealmente a cada dois ou três meses, de forma a reconhecer alterações que justifiquem uma avaliação médica.”

tante é precisamente a mudança. Muitas vezes, não é o sinal maior nem o mais escuro que preocupa, mas aquele que começou a comportar-se de forma diferente dos restantes. A regra ABCDE continua a ser uma excelente ajuda, mas não substitui o bom senso nem a observação da própria pele. Sempre que existir dúvida, vale a pena procurar uma avaliação dermatológica.

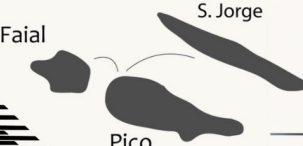
Como está a incidência de cancro da pele nos Açores?
Tal como acontece em Portugal continental, e na maioria dos países desenvolvidos, também nos Açores assistimos a um aumento progressivo da incidência do can-

de melanoma. O risco de melanoma resulta da combinação entre predisposição individual e fatores ambientais. É por isso que duas pessoas sujeitas à mesma exposição solar podem apresentar riscos muito diferentes.

Quais são os mitos mais comuns sobre proteção solar?
Se me perguntassem qual é hoje um dos maiores desafios da prevenção do cancro da pele, responderia sem hesitar: combater a desinformação. Nunca tivemos acesso a tanta informação sobre saúde. Paradoxalmente, nunca foi tão fácil encontrar recomendações sem qualquer fundamento científico. Conti-

nuamos a ouvir que o bronzeador é saudável, que as pessoas de pele morena não precisam de proteção solar, que o protetor solar impede a produção de vitamina D ou que faz mais mal do que bem. Nenhuma destas afirmações corresponde ao conhecimento científico atual. O bronzeador não é um sinal de saúde; é uma resposta de defesa da pele perante uma agressão provocada pela radiação ultravioleta. Quando está em causa a saúde, vale a pena procurar fontes credíveis e desconfiar de soluções fáceis, promessas milagrosas ou recomendações que contradizem décadas de investigação científica. Hoje, proteger a pele também significa proteger-nos da desinformação. Vivemos numa época em que sabemos mais do que nunca sobre os efeitos da radiação ultravioleta na pele. Conhecemos melhor os fatores de risco, dispomos de meios eficazes de fotoproteção e conseguimos diagnosticar muitos tumores cutâneos numa fase cada vez mais precoce. O verdadeiro desafio já não é a falta de conhecimento científico. É transformar esse conhecimento em hábitos. Proteger a pele não exige gestos complicados. Resulta da repetição de pequenas escolhas: procurar sombra, usar roupa adequada, aplicar corretamente o protetor solar, observar regularmente a pele e valorizar qualquer alteração suspeita. Porque a prevenção não começa na praia. Começa muito antes, nos pequenos hábitos que cultivamos ao longo da vida.

E há pontos importantes a seguir ao longo da vida?
Sim, destaco cinco:
O sol faz parte da nossa vida. O problema nunca foi o sol; é a forma como nos expomos a ele. O sol faz parte da nossa vida. Aprenda a conviver com ele de forma inteligente.
O melhor protetor solar é aquele que é utilizado corretamente. A proteção mais eficaz resulta da combinação entre sombra, roupa, chapéu, óculos de sol e protetor solar.
Conheça a sua pele. Se um sinal mudou, merece ser observado. Hoje, proteger a pele também significa proteger-nos da desinformação.



Contactos
+ 351 292 622 253 | gemalebp@sapo.pt

Folclore da Casa do Povo da Madalena em mais uma viagem de intercâmbio



Sandra Luís

Desde há algum tempo a esta parte, o Grupo de Folclore da Casa do Povo da Madalena (GFCPM) optou pelos intercâmbios culturais com outros grupos, que servem não só como uma deslocação para fora da ilha, mas principalmente como elo de ligação com outras realidades culturais, diferentes usos e costumes, que no fundo torna cada grupo que participa neste tipo de experiência mais rico e definitivamente mais conhecedor da realidade fora de portas. Assim sendo, o GFCPM participou entre 6 e 13 de julho em mais um intercâmbio cultural, deslocando-se a Alfarelos, freguesia pertencente ao Município de Soure.

O Grupo Folclórico e Etnográfico de Alfarelos (GFEA) foi o anfitrião, depois de o mesmo se ter deslocado à ilha do Pico no mês de julho de 2025, onde lhes foi dado a conhecer a nossa ilha, os nossos usos e costumes, num agradável convívio de amizade e confraternização.

Depois de uma viagem calma e sem qualquer tipo de surpresas no seu percurso, o mesmo não se pode dizer do regresso a casa, em que o voo que nos deveria trazer foi cancelado, obrigando a que alguns membros do GFCPM fizessem uma verdadeira gincana para regressar ao Pico, e outros a regressarem apenas no dia 14, através do Aeroporto da Horta,

encontramos uma Lisboa quente com os seus 35 graus de temperatura e que a todos sufocava, visto que o nosso verão, este ano, está a ser um pouco atípico e a não estarmos habituados a temperaturas tão altas. À medida que fomos rumando a Norte, o calor quase infernal foi dando tréguas e já quase ao findar do dia e depois de alojados no antigo Centro de Saúde de Alfarelos, gentilmente cedido pela edilidade local, foi tempo de retemperar o corpo e alimentá-lo. Aliás, agradecemos de coração às cozinheiras e cozinheiros, que durante aqueles dias nos presentearam com a mais variada ementa, que a todos confortou o paladar, a todas as refeições do dia.

Esperava por nós um roteiro organizado digno de fazer inveja a muitas agências que organizam tal serviço. Fomos amavelmente recebidos pelo Município de Soure, na presença da sua vereadora, que nos agradeceu com um Porto de Honra e lembranças a todos os elementos do GFCPM. Visitamos a Vila de Soure, Condeixa, Nazaré, o Museu de Poros, em Conimbriga; a cidade da Figueira da Foz, única cidade com rio, serra e mar; as salinas, o Santuário de Fátima, a cidade de Coimbra com paragem no seu jardim botânico; a Universidade, com visita pelas ruas da mesma, passando por Montemor-o-Velho e o seu castelo.



Marcamos ainda presença na inauguração da estátua 'Ceifeira', junto ao edifício da Junta de Freguesia de Alfarelos, onde também fomos recebidos pelo seu presidente, que, após breves discursos e troca de lembranças, nos presenteou, à semelhança do que tinha acontecido na Vila de Soure, com um Porto de Honra. Na última manhã, realizamos uma visita por Alfarelos com uma caminhada aos campos de Arunca, Senhor da Costa e Baloicho.

No que diz respeito a atuações, estavam agendadas uma no Centro Social de Alfarelos e a participação no XXX Festival de Folclore de Alfarelos, que tinha a sua festa dedicada a Nossa Senhora do Rosário.

Continua a ser curiosidade, não tanto os nossos trajes, muito menos ricos do que os dos grupos

do continente português, sendo o retrato do nosso povo, mas sim as albarcas que nos cobrem os pés, calçado único desta nossa ilha. A estranheza do nosso sotaque, também confunde algumas pessoas que gentilmente nos disseram que não éramos açorianos. Um dia, hoje talvez não, pode ser que se acabe com a ideia de que os Açores são única e exclusivamente uma ilha e não nove e que em todas elas os sotaques são diferentes e cada qual rico na forma como é dito e vivido.

Infelizmente, como em todas as coisas boas da vida, tudo tem um término e as despedidas não são fáceis. O último dia foi alvo de um convívio mais alargado, até à hora de partida pelas 2h00. Amizades são feitas, a confraternização que houve ao longo de uma semana, a gratidão por estar-

mos todos juntos, a alegria, até as tradições tão diferentes, mas que nos definem como o mesmo povo, não fazem de um intercâmbio só e apenas uma viagem, foram memórias que criamos e que ficarão para sempre nos nossos corações. Nunca é de mais agradecer a amável receção por parte do GFEA, nas suas mais variadas vertentes. Viver não pode ser só ficarmos no nosso meio ambiente, mas ir ao encontro de outros desafios que nos façam crescer como grupo e pessoas.

Não é, não foi um adeus definitivo, é sempre um até já!

“Quem ama liga-se à terra.
Quem canta, ao reino dos céus;
Quem para que Deus o salve,
Quem anda que vá com Deus.”

Ritual do Amor, Afonso Duarte

Parabéns *Ilha Maior*... nunca ao serviço de ninguém, sempre ao serviço dos leitores



Angelina Picolina
socióloga

Hoje não dou apenas os parabéns ao *Ilha Maior* por mais um aniversário. Dou os parabéns, sobretudo, a quem todos os dias insiste em fazer aquilo que muitos gostariam que deixasse de existir: jornalismo.

Parabéns aos jornalistas, colaboradores e a todos os que continuam a manchar de tinta as páginas que contam a história da nossa ilha, defendendo as nossas gentes sem pedir licença a ninguém. Aos que nunca baixaram os braços, mesmo quando o preço da independência é o incómodo, a crítica fácil ou a intimidação.

Ser independente tem um

custo. E esse custo mede-se pelo número de inimigos que se conquistam quando a verdade deixa de servir interesses instalados.

Há quem lhes chame “jornalixo”. Mas a ironia é deliciosa: esse insulto raramente vem de quem lê. Vem, quase sempre, de quem se revê nas notícias. De quem prefere matar o mensageiro porque nunca conseguiu desmentir a mensagem. De quem troca argumentos por insultos, pensamento por cartilhas e espírito crítico por um barrete bem enterrado até às orelhas.

É simples: quando um jornal incomoda todos os poderes, é porque está a cumprir a sua função.

Quando apenas incomoda um lado, já não é jornalismo; é propaganda.

Se ser “jornalixo” é não se deixar comprar, não se deixar condicionar, não escrever ao sabor das conveniências nem das cores partidárias, se é publicar aquilo que alguns fariam tudo para esconder, então bendito “jornalixo”. Pior seria ser um panfleto disfarçado de informação, onde as notícias passam primeiro pelo filtro da conveniência antes de chegarem aos leitores.

Vivemos tempos estranhos. Qualquer anónimo nas redes sociais julga que uma publica-

ção sem provas vale tanto como uma investigação jornalística. Confunde-se opinião com facto, propaganda com informação e militância com verdade. O ruído passou a valer mais do que a credibilidade. E há quem ache isso um progresso. Não é.

Uma sociedade que perde o jornalismo independente perde muito mais do que um jornal. Perde memória, perde escrutínio, perde liberdade. Porque quando desaparecem os jornais livres, sobra apenas o discurso de quem tem poder suficiente para comprar o silêncio.

Por isso, apoiar o *Ilha Maior*

não é apoiar um grupo de jornalistas. É defender o direito de todos nós a sermos informados sem filtros, sem donos e sem amos.

A História nunca foi escrita pelos que gritavam mais alto nas redes sociais. Foi escrita por quem teve a coragem de a registar, mesmo quando isso desagradava aos poderosos de ocasião.

Parabéns ao *Ilha Maior*. Que continuem a fazer o que sempre fizeram: incomodar os instalados, desmontar as narrativas convenientes e lembrar aos eternos críticos que a verdade tem um defeito insuportável... nunca precisa da autorização para ser publicada.

Por mares nunca dantes...



Raul Brandão

“Não poder eu pintar com palavras alguns dos sítios mais pitorescos das ilhas, despertando nos leitores o desejo de os verem com os seus próprios olhos!...”

Raul Brandão, 1926 (na Nota Introdutória a *As Ilhas Desconhecidas*)

Mas pintou... Neste seu livro, Raul Brandão pintou, na verdade, das mais belas paisagens dos Açores alguma vez pintadas em palavras.

Quem tem acompanhado as edições de “Por mares nunca dantes...” sabe que só publicamos trabalhos inéditos. Esta semana tomamos a liberdade de abrir uma exceção. Por vários motivos: porque Raul Brandão é o “nosso” maior autor de literatura de viagens, e uma referência a este seu trabalho parece fazer todo o sentido numa rubrica como esta; por se comemorarem este ano os cem anos da publicação da obra, que resulta de uma viagem por mares nunca dantes... aos Açores e Madeira, no verão de 1924; e porque há precisamente cento e dois anos por esta altura, a 26 de Julho, escrevia Raul Brandão este fragmento das suas “notas de viagem” sobre a ilha do Pico. E, pela beleza da descrição, perdoamos ao autor as ocasionais imprecisões.

O PICO
26 de Julho
Raul Brandão

Isto que de longe era roxo e diáfano, violeta e rubro, conforme a luz e o tempo, aparece agora, à medida que o barco se aproxima, negro e disforme, requeimado e negro, devorado por todo o fogo do Inferno. É um torresmo. Nunca labareda mais forte derreteu a pedra até cair em pingos e desfazer-se em cisco. É uma imagem a negro e cinzento que me mete medo. Há por aí buracos e furnas onde a



lava formou colunatas e estalactites azuladas, grandes cachos pendentes, derretidos pelo calor e solidificados pelo resfriamento. Esta ilha – a maior dos Açores – é negra até às entranhas, na própria terra, na bagacina das praias, no pó das estradas, nas casas, nos campos divididos e subdivididos por muros de lava, nas igrejinhas das aldeias, requeimadas e tristes. O aspecto é dum grande luto, duma grande desolação. A fuligem caiu sobre a vasta terra e só de quando em quando um grande plaino cinzento, os *mistérios*, sucede ao negrume como a lepra ao incêndio.

Mas o azul é mais azul nos sítios em que um corredor de basalto tem uma saída para a amplidão do mar (sítio da Furna). O esguicho que entra por ali

dentro tem uma vida extraordinária. De repente surge também neste inferno um souto verde de castanheiros, um campinho de milho, figueiras redondas e baixinhas, ou irrompe, por trás dum muro calcinado, uma trepadeira lilás. Depois pedra, mais negrume e pedra. Mais desolação e negrume, mais pedra vulcânica e sinistra que dá o chá e o café e todas as culturas tropicais; os frutos do continente, e laranjas e nêsperas mais deliciosas ainda pelo sofrimento. O dragoeiro é enorme e copado, gigantescos os fetos e bambus. Cria-se a oliveira e o castanheiro ao lado do ananás silvestre, que amadurece ao ar livre e enche a horta de perfume. A vinha tem fama no mundo. O vinho branco do Pico, feito de

verdelho e criado na lava, é um líquido com um pique amargo, cor de âmbar e que parece fogo. Levantam uma pedra, atiram um punhado de terra para o buraco e a videira deita raízes como pode, abrigada no curral pelos muros e estendida no chão sobre calhaus. Só lhe levantam um pouco as varas quando o cacho está perto de amadurecer. O Pico já deu milhares de pipas de vinho, que exportava quase na totalidade para a Rússia.

As duas estradas que partem da Madalena pelo litoral e abraçam a ilha, acabando uma um pouco adiante de S. Miguel Arcanjo e a outra nas Lajes, servem algumas das freguesias do Pico, quase todas à beira-mar, e todas elas com a sua especialidade: Santa Luzia é

a freguesia das figueiras, S. Roque a dos vinhos, Prainha a do milho e do trigo, Santo Amaro, perita na construção de embarcações, trabalha também em esteiras, e o Cais do Pico e as Lajes passam por as duas grandes freguesias da pesca da baleia. Os picarotos são os mais destemidos homens do mar do arquipélago, tismados, secos, graves e leais. Nos altos, no mastro com uma espécie de cesto de gávea, todo o dia um homem, de óculo em punho, vigia o mar e espera a baleia.

[...]
E Raul Brandão termina assim a sua “pintura” desta ilha:

Agora completo o quadro: [...] Esta ilha negra e disforme apoderou-se dos meus sentidos. Tudo o que a princípio me repelia, o negrume, o fogo que a devora, o *mistério*, tudo me seduz agora. O Pico é a mais bela, a mais extraordinária ilha dos Açores, duma beleza que só a ela lhe pertence, duma cor admirável e com um estranho poder de atracção. É mais que uma ilha – é uma estátua erguida até ao céu e moldada pelo fogo – é outro Adamastor como o do cabo das Tormentas.

Apago todas as tintas do meu quadro: só quero o Pico diante de mim, negro e dramático, roído da cinza que há-de acabar por devorar seres e coisas, deixando-o a prumo no céu, com a carcaça da catedral ao abandono na praia...

Brandão, R. (s.d.). *As Ilhas Desconhecidas*. Perspectivas e Realidades. pp. 89-106.

A patine das mãos



Pedro Alvernaz

Devia ter oito ou nove anos. Já era de noite quando saí de casa com o meu pai, levando na mão um pedaço de pau-branco que ele trouxe do Ultramar. Íamos à oficina do mestre Dimas. Lembrou-me do cheiro do osso de baleia, da bancada roçada e do painel de ferramentas artesanais. Pegou na madeira, prendeu-a no torno e saímos da oficina com um pião. O processo foi fascinante.

Cresci a ver o meu avô remendar ‘tarrafas’ com uma agulha esculpida em osso de baleia, fundir moldes de meia-cana para chumbadas ou inventar brinquedos a partir de ramos de figueira e cascas de laranja. Os aparelhos de pesca de mar alto tinham todos uma base artesanal. As mãos tinham uma expressão e um lado mecânico que comunicavam sem serem ditas palavras. Falavam uma linguagem própria, feita de gestos, repetição e memória. Era

como se o processo de aprendizagem fosse transmitido de forma visual e quase acontecesse como um ritual, que, no caso das mulheres, era ainda mais dramático.

Da agulha e da linha nasciam, noite dentro, rendas brancas. Noutros dias, em alturas especiais, a casa era invadida por uma mistura de açúcar, manteiga e cascas de limão, envolvidos com uma colher de pau. Era o início de um bolo de laranja. Talvez a memória também se faça assim, pouco a pouco. Camada após camada.

Casas, muros e currais de basalto, pedras sobrepostas uma a uma, que marcam a paisagem e cicatrizam as mãos, criando uma ligação intemporal. As mesmas mãos que vindimam, carregam cestos de uva e produzem vinho. À noite, ao lado do adro da igreja, afinam-se os instrumentos e en-

saíam-se diversos hinos que ressoam pela freguesia. As mãos não param. A virtuosidade da música contrasta com a dureza e o ‘brutalismo’ do trabalho diário.

Ao longe, um barco a motor grava temporariamente uma linha branca no mar. É noite de ir às garoupas. O almoço é quase certamente caldo de peixe.

Eram outros tempos, uma memória coletiva que se vai esfumando como algo distante no horizonte. As mãos deram lugar às máquinas, o tempo à urgência, a reparação à substituição. Os objetos deixaram de envelhecer connosco e há agora uma capa de plástico que cobre tudo, como se fosse a cobertura de açúcar do bolo de laranja. Talvez seja essa plastificação uma metáfora inconfundível da sociedade atual.

É por isso que volto tantas vezes ao mestre Dimas e ao cheiro do osso de baleia. Não por nos-



tagia. Porque alguns lugares continuam a lembrar-nos que as coisas podem durar mais do que a sua utilidade. Há, na sala de minha casa, uma réplica de um bote baleeiro, com mais de um

metro, construída por um artesão fantástico. A ‘mímesis’ em forma de madeira que guarda a patine das mãos de quem a trabalhou. Talvez seja isso o que verdadeiramente perdura.

NOVO
ESPAÇO
NA SUA
COMUNIDADE!

Qualidade,
carinho e
bons preços
para si!

CANTINHO DO KEVIN

A cuidar dos mais pequenos com carinho

UM ESPAÇO PENSADO PARA O BEM-ESTAR,
CONFORTO E FELICIDADE DA SUA FAMÍLIA!

O Cantinho do Kevin nasceu do sonho de criar um lugar especial onde cada cliente é recebido com amor, atenção e dedicação.

Aqui encontra uma seleção de produtos de qualidade, escolhidos com carinho para tornar o seu dia a dia mais bonito, prático e cheio de boas escolhas.

Mais do que uma loja, queremos ser um ponto de confiança para toda a família, com um atendimento próximo, personalizado e sempre disponível para ajudar.

NA NOSSA LOJA ENCONTRA:

ROUPA
de criança e adulto

ACESSÓRIOS
para casa

Tudo o que precisa para vestir a sua família e deixar a sua casa ainda mais acolhedora!

VENHA CONHECER O CANTINHO DO KEVIN!

Um espaço onde cada detalhe faz a diferença.

META PODE NOS ENCONTRAR:

Rua do colégio n34
porta 7

CONTACTE-NOS:

913 606 397

SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS

Cantinho do Kevin – A cuidar dos mais pequenos com carinho.

“Se não os podes convencer, confunde-os”

Raquel André Machado

“Se não os podes convencer, confunde-os.” Frase frequentemente atribuída a Harry S. Truman, embora não exista consenso histórico sobre a origem. Certo é que atravessou o tempo por que encerra uma amarga verdade. “Se não os podes convencer, confunde-os”.

O que outrora poderia ser entendido como uma ironia sobre a retórica política tornou-se, nos dias de hoje, um método de governação, de comunicação e, por vezes, de sobrevivência mediática.

Vivemos na era da abundância de informação, de canções, de livros, de oratória e da escassez de clareza. Nunca tivemos acesso a tantos dados, opiniões, estatísticas, especialistas e plataformas.

Paradoxalmente, nunca foi tão difícil distinguir o essencial do acessório, o verdadeiro do verosímil, o argumento da encenação. A confusão deixou de ser um acidente. Em muitos casos, tornou-se estratégia em qualquer contexto e agrupamento social, bem como nas relações que lhe são adstritas. Quando os factos são incómodos, multiplicam-se as versões. Quando uma decisão é difícil de justificar, muda-se o tema. Quando um erro se torna evidente, cria-se uma polémica paralela. Quando a ignorância crassa,

accionam-se os malabarismos e ilusionismos.

O cidadão, cercado por um ruído permanente, acaba por desistir de procurar respostas. E essa desistência é a maior vitória de quem prefere a névoa à transparência, o maior trunfo para o incipiente predominar sobre o aprimorado. As redes sociais amplificam este fenómeno. O algoritmo não recompensa necessariamente a verdade; recompensa aquilo que prende a atenção. A indignação viaja mais depressa do que a ponderação. A dúvida vende mais do que a certeza. E, enquanto discutimos frases soltas, vídeos de poucos segundos ou manchetes desenhadas para provocar reacções, os problemas reais continuam, silenciosamente, à espera de solução. O mal maior é ser contagiado pela cascata do *laissez faire*, *laissez passer* e quando se acorda, se é que se acorda, já a onda galgou os limites naturais e a massificação instalou-se confortavelmente.

Seria injusto apontar o dedo apenas aos políticos ou aos meios de comunicação. Também nós, cidadãos, cedemos frequentemente à tentação da simplificação e do mais fácil. Preferimos respostas rápidas a perguntas difíceis. Partilhamos antes de verificar. Julgamos antes de com-

preender. E, sem darmos por isso, tornamo-nos participantes activos na grande máquina da confusão.

A democracia exige algo mais exigente: tempo para pensar, disponibilidade para ouvir quem discorda e humildade para admitir que nem todas as questões têm respostas simples.

A clareza raramente cabe num slogan e a verdade dificilmente se resume a um título. Quiçá o verdadeiro dilema do nosso tempo não seja a falta de informação, mas o excesso de ruído. Não é a ausência de liberdade de expressão, mas a dificuldade em encontrar uma voz serena, uma composição com qualidade e sentimento no meio da gritaria e do artificialismo. No fundo, quando já não é possível convencer através da razão, há sempre quem aposte na confusão. E é aqui que os falsos profetas ou *influencers* se consolam a atirar poeira para os olhos (cérebros) do próximo. A questão é saber se aceitaremos viver permanentemente nesse nevoeiro ou se recuperaremos o velho hábito de pensar antes de acreditar. Porque uma sociedade confusa é fácil de dividir. Uma sociedade esclarecida é muito mais difícil de manipular. E essa continua a ser a melhor defesa da liberdade e da qualidade.

Ilha Maior

O seu jornal. A nossa ilha.

Informação

O Jornal Ilha Maior informa todos os seus assinantes que manterá o preço atual das assinaturas. O valor indicado na ficha técnica aplica-se apenas a novos assinantes e poderá sofrer desconto consoante o período contratado. Em caso de dúvida, entre em contacto connosco. Caso ainda não tenha realizado o pagamento da sua assinatura, disponibilizamos abaixo os meios de pagamento ao seu dispor.

NIB 0018 0008 06519051020 08

MB 911 026 085
WAY

Lic. Vanda Lisa da Rosa Fraga
Cartório notarial

Certidão Narrativa

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura lavrada aos vinte de Julho de dois mil e vinte e seis, de folhas quarenta e três, a folhas quarenta e quatro verso do Livro de Notas para escrituras Diversas número Duzentos e sessenta e dois-C do Cartório Notarial da Licenciada Vanda Lisa da Rosa Fraga, Notária, sito na Rua Engenheiro Álvaro de Freitas, na freguesia e concelho da Madalena, se encontra exarada uma escritura de JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL na qual João Luís Vieira de Melo NIF 129257427 e mulher Maria Isabelta Alvernaz Melo NIF 173213049, casados na comunhão geral, naturais da freguesia de São Caetano, concelho de Madalena, onde residem, na Estrada Regional, nº 69, Terra do Pão, declaram:

Que são, actualmente e com exclusão de outrém, donos e legítimos possuidores do seguinte prédio:

Urbano, na Rua do Morgado, na indicada freguesia de São Caetano, composto por edifício com um piso destinado a estacionamento coberto, com a área total e coberta de vinte e seis vírgula cinquenta metros quadrados, que confronta a norte com Bernard Pereira de Jesus, a sul com estrada, a nascente com Ernesto Bettencourt e a poente com Manuel Francisco Alves, inscrito na matriz no artigo 385, com o valor patrimonial tributário de 2083,11 € que atribuem, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Madalena.

Que desconhecem a proveniência matricial deste prédio por tal informação não constar da matriz.

O referido prédio está inscrito na matriz em nome de cabeça-de-casal da herança de Rosa Silveira Nunes Cardoso.

Que adquiriram o aludido prédio por compra feita há mais de vinte anos, em data imprecisa de mil novecentos e setenta e seis, a Manuel Alberto Nunes Cardoso e mulher Maria de Lurdes Freitas da Silva Cardoso, casados na comunhão geral, residentes nos Estados Unidos da América sem terem, no entanto, outorgado a respectiva escritura.

Que desde aquela altura e até hoje estão na posse deste prédio sem a menor oposição de ninguém; posse que sempre exerceram sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente e a prática reiterada dos actos habituais de um proprietário, tendo ocupado o prédio, procedido ao seu arranjo e limpeza, avivado estremas, tendo sempre retirado dele todas as utilidades normais, com ânimo de quem exercita direito próprio, sendo por isso uma posse pacífica, contínua e pública.

Adquiriram assim este prédio por usucapão e dado o modo de aquisição, não possuem título, estando impossibilitados de comprovar esta aquisição pelos meios normais.

Os indicados Manuel Alberto Nunes Cardoso e mulher Maria de Lurdes Freitas da Silva Cardoso adquiriram o citado prédio por doação que lhes foi feita por aquela Rosa Silveira Nunes Cardoso sem terem, no entanto, outorgado a respectiva escritura.

E certidão-narrativa que fiz extrair e vai conforme o original.

Cartório Notarial, vinte de Julho de dois mil e vinte e seis.

A Notária,
Vanda Fraga

Hipermercados

PROMOÇÕES

Preços válidos de:
24 a 31 de julho de 2026

Óleo alimentar Frigi 3lt. 4,89€	Óleo alimentar Frigi 1lt. 1,59€	Polpa tomate Guloso 1lt. 1,59€
Ketchup t/d Amanhecer 560 gr. 1,09€	Maionese t/d Amanhecer 420 gr. 1,79€	Mostarda t/d Paladin 450 gr. 1,29€
Farinha Branca de Neve 1 kg 1,09€	Farinha milho amarela Ceifeira 500 gr. 0,59€	

Rua dos Biscoitos, 9950-333 Madalena 292 628 280

BLUE AZORES



Descubra mais em
blueazores.org

PARQUE MARINHO DOS AÇORES (III): AUTORIDADE DE GESTÃO

Depois de criado, um Parque Marinho precisa de regras claras, acompanhamento permanente e decisões bem fundamentadas. É esse o papel da Autoridade de Gestão da Rede de Áreas Marinhas Protegidas dos Açores (RAMPA): garantir que a rede funciona no terreno e que os seus objetivos de gestão e conservação são cumpridos.

A Autoridade de Gestão é atualmente dirigida pelo Diretor Regional das Políticas Marítimas, Rui Martins. Entre as suas responsabilidades está a autorização, nas Áreas Marinhas Protegidas (AMP), do exercício de usos e atividades sujeitas a controlo, de acordo com os respetivos níveis de proteção e mediante a definição de condições específicas.

Cabe também à Autoridade de Gestão propor novas áreas protegidas, rever as existentes e acompanhar a forma como são geridas. Sempre que necessário, pode propor medidas preventivas para proteger ecossistemas mais sensíveis ou responder a novas pressões sobre o mar dos Açores.

Além disso, pode propor a a revisão e alteração da estratégia de gestão da rede, sempre que necessário, de modo a garantir a proteção eficaz dos ecossistemas marinhos dos Açores.

No planeamento, esta entidade prepara propostas de ordenamento e gestão das AMP e acompanha a sua atualização. Na prática, ajuda a transformar objetivos de conservação em regras concretas, compreensíveis e aplicáveis.

O Conselho Consultivo da RAMPA

A RAMPA conta ainda com um Conselho Consultivo, que funciona como um órgão de auscultação, análise e aconselhamento. O seu objetivo é apoiar o Governo Regional e a Autoridade de Gestão na tomada de decisões sobre as AMP, ao emitir pareceres e recomendações.

Este órgão pronuncia-se sobre a criação ou alteração de áreas protegidas, sobre os instrumentos de ordenamento e gestão destas áreas e sobre outros temas relevantes relacionados com a rede.

O Conselho Consultivo acompanha a estratégia de gestão da RAMPA e a sua eventual revisão, podendo contribuir com orientações estratégicas, mas também se pronuncia sobre os planos de trabalho e os relatórios de atividade da RAMPA.

Esta função é importante para avaliar se a rede está a cumprir os seus objetivos e para ajustar o caminho sempre que surjam novos desafios.

As suas recomendações ajudam a aproximar a decisão política do conhecimento técnico, científico e da experiência de quem utiliza o mar.

Presidido pelo diretor da Autoridade de Gestão, o Conselho Consultivo junta representantes do Governo Regional, autoridades marítimas e de segurança, setor das pescas, Universidade dos Açores, comunidade científica internacional e organizações não governamentais.

Esta composição procura garantir que diferentes olhares sobre o mar estão presentes no processo de decisão.



SeaSketch: Ferramenta de Gestão Colaborativa do Oceano

Para que esta governação seja mais do que um conjunto de regras no papel, é essencial contar com ferramentas que ajudem a ver o mar em toda a sua complexidade.

É aqui que entra a SeaSketch, uma plataforma que permitiu juntar mapas, ciência e contributos de diferentes utilizadores do oceano no processo de desenho do Parque Marinho dos Açores.

A SeaSketch é uma ferramenta digital de planeamento do oceano. Funciona como um mapa interativo onde é possível ver, comparar e discutir diferentes formas de organizar o espaço marítimo.

Mais do que uma plataforma técnica, ajudou a tornar o processo mais aberto e participado, permitindo que o conhecimento científico fosse cruzado com contributos de decisores, organizações e comunidades locais.

Assim, ajuda a procurar equilíbrios entre atividades como a pesca e o turismo e a necessidade de proteger a biodiversidade e os ecossistemas marinhos.

No caso dos Açores, a SeaSketch ajudou a visualizar as áreas do Parque Marinho, os seus diferentes níveis de proteção e a forma como se distribuem no imenso território marítimo da Região. Ao facilitar a leitura da informação e a comparação de alternativas, tornou-se uma ferramenta importante para aproximar ciência, decisão política e sociedade.

No próximo mês, vamos falar sobre alguns dos principais montes submarinos integrados no Parque Marinho dos Açores, dando a conhecer a sua riqueza ecológica, a biodiversidade que acolhem e o papel que desempenham na proteção do oceano.

RECRUTAMENTO

ENGENHEIRO
ELETROTÉCNICO (M/F)

REF.º: 2592



DESCRIÇÃO DA FUNÇÃO

Apoiar as atividades técnicas e operacionais da empresa, contribuindo para a melhoria contínua dos sistemas e serviços, em articulação com diferentes equipas, assegurando o cumprimento das normas técnicas, de segurança e de qualidade.

PERFIL DESEJADO

- Licenciatura e/ou Mestrado em Engenharia Eletrotécnica;
- Valorizam-se conhecimentos nas áreas de energias, automação ou áreas afins;
- Domínio das ferramentas informáticas de uso corrente (Microsoft Office);
- Bons conhecimentos de inglês;
- Inscrição na OET ou na OE, ou elegibilidade para a respetiva inscrição;
- Capacidade de análise, planeamento e resolução de problemas técnicos;
- Sentido de responsabilidade e ética profissional;
- Capacidade de trabalho em equipa e de comunicação;
- Proatividade, autonomia e espírito crítico;
- Capacidade de adaptação a diferentes contextos e desafios;
- Organização, rigor e orientação para resultados.

As candidaturas deverão ser efetuadas até ao dia **11 de agosto de 2026** em www.eda.pt. No menu principal, seleccione Comunicação > Trabalhe connosco, ou aceda através do rodapé. O processo de seleção será constituído por três fases eliminatórias: avaliação curricular, avaliação psicotécnica e entrevista.

Em caso de dúvidas contacte a Direção de Gestão de Pessoas através do n.º **296 202 185**.

LOCAL

Departamento de Distribuição, na ilha do Pico.

OFERECEMOS

Formação profissional inicial e contínua; Integração em Grupo Empresarial forte e com grande implantação nos Açores.

Morreu Fernando Menezes, antigo presidente da Assembleia



Faleceu na passada terça-feira, dia 21, em Lisboa, o antigo presidente da Assembleia Legislativa dos Açores, Fernando Menezes, que desempenhou, também, outros cargos de responsabilidade política e partidária.

Natural da cidade da Horta, Fernando Menezes iniciou funções como deputado regional em 1992 e durante o seu percurso parlamentar, além de presidente da Assembleia, assumiu a presidência do Grupo Parlamentar do PS.

Licenciado em Direito pela Universidade Clássica de Lisboa, Fernando Menezes participou em momentos marcantes da consolidação da Autonomia açoriana, integrando os trabalhos de revisão da Constituição da República Portuguesa e do Estatuto Político-Administrativo dos Açores.

Além da atividade parlamentar, desempenhou diversas funções de âmbito autárquico e partidário, tendo sido membro da Assembleia Municipal da Horta, vice-presidente do PS/Açores e integrante de vários órgãos regionais e nacionais do partido.

Ao longo da vida exerceu ainda a profissão de advogado e manteve uma intensa participação cívica e associativa, integrando os órgãos sociais de diversas instituições da ilha do Faial e organizações de âmbito nacional e internacional.

COLEÇÕES



mo
ods.

ENCAIXA
COM QUALQUER
REFEIÇÃO

ASSIM TODA A GENTE
COME MELHOR

Junte os selos e complete
a coleção de marmitas MOODS

20 € EM COMPRAS = 1 SELO

PRODUTOS EM AÇO INOXIDÁVEL | GARRAFAS E FRASCOS TÉRMICOS | CAIXAS COM VEDANTE DE SILICONE

